



# Blumenau em cadernos

TOMO XXVII

\*

Fevereiro de 1986

\*

Nº 2

## A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

COMPANHIA HERING

COMPANHIA TEXTIL KARSTEN

MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.

CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS

MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.

SUL FABRIL S/A.

EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE

LOJAS HERING

### COLABORADORES ESPONTANEOS

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.

MOELLMANN COMERCIAL S.A.

TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.

BUSCHLE & LEPPER S.A.

CIA. COMERCIAL SCHRADER S.A.

JOÃO FELIX HAUER

MADEIREIRA ODEBRECHT

LINDNER, HERWIG SHIMIZU - ARQUITETOS

MÓVEIS ROSSMARK S.A.

ARTUR FOUQUET

JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.

PAUL FRITZ KUEHNRIK

CASAS BUERGER

# BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXVII

Fevereiro de 1986

Nº. 2

## SUMÁRIO

Página

Família Povee — Holandeses com 37 anos de Brasil .....	34
Os 75 anos da firma Walter Schmidt Ltda. ....	35
AEMA relata seu trabalho em 1985 .....	36
Da História de Santa Catarina a mais antiga colonização evangélica alemã .....	37
A Educação no Município vai bem, obrigado! .....	41
Autores Catarinenses .....	42
Subsídios Históricos .....	44
Os 75 anos do jornal "Konolie-Zeitung" .....	46
Falecimentos no começo do século .....	48
O Cometa Halley em 1910 .....	52
O Desenvolvimento da Agricultura no Brasil .....	53
Aconteceu... ..	56
BLUMENAU — Texto extraído do livro "Desenvolvimento Econô- mico e Evolução Urbana" de Paul Singer .....	57

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

*Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina*  
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 20.000,00

Número avulso Cr\$ 2.000,00 -- Atrasado Cr\$ 3.000,00

Ass. p/o exterior Cr\$ 50.000,00 mais o porte Cr\$ 10.000,00 total Cr\$ 60.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

NOSSA CAPA — O desenho que está ilustrando a capa desta revista, em 1986,  
é de autoria da inspirada artista blumenauense Rose Darius.

## FAMÍLIA BOVEE — HOLANDESES COM 37 ANOS DE BRASIL

Maria do Carmo R. K. Goulart

A 21 de abril de 1949, no porto de Santos (SP), chegava a família **Bovee**. Vinda de Meelro, Holanda, foi alojada em Jaguariúna, no interior de São Paulo no local conhecido como Holambra (uma espécie de Cooperativa). A região onde se instalaram por aproximadamente 10 anos era reduto de holandeses e os recém-chegados se uniram aos mais antigos, desenvolvendo atividades ligadas à pequena propriedade.

A família Bovee lembra bem a data da chegada porque no porto de Santos foguetes anunciavam o feriado festejado: Tiradentes. Quem recorda é Josef, o segundo filho do casal, que foi nosso entrevistado.

O casal **Peter Johannes Reinier Bovee** e **Josephina Elisa van der Sterren** veio com sete filhos menores: Antonius, Josef, Johannes, Maria, Gertrudes, Gerardus e Anna. Nasceram no Brasil mais quatro filhos: Pedro, Josefina, Lambertus e Elisabet (que é nossa amiga, casada com Ademir Anderson e mora em Blumenau).

Uma oportunidade para que se transferissem para Santa Catarina surgiu e os holandeses vieram para Biguaçu. Na época, 1960, o Estado promovia a vinda de famílias que gostariam de se instalar para desenvolver uma criação de gado voltada às necessidades da Grande Florianópolis. A atividade, porém, não deu certo porque o local era impróprio para criar gado holandês — principalmente.

Josef informou-nos que das demais famílias holandesas que se instalaram em Biguaçu, nenhuma dedicou-se somente à criação de gado leiteiro. Todas plantavam para consumo próprio e venda de excedente.

Como na Cooperativa em Holambra **Peter Bovee** já lidava com plantas, fez uma tentativa em Biguaçu que deu certo: começou a cultivar flores. Mas o mercado era fechado a este tipo de comércio e a atividade inicialmente não foi das mais fáceis. Precisavam quase que obrigar o freguês a levar flores — introduzindo-o ao consumo que depois passou a ser natural. Florianópolis e Itajaí foram os primeiros mercados consumidores e a família Bovee viu que a atividade começava a dar certo.

No início os holandeses só cultivavam palmas, depois passaram para o plantio de rosas e comércio de flores — trazidas de São Paulo. O cultivo de rosas foi sendo deixado de lado por causa do uso de inseticidas e fungicidas, o qual precisava ser constante, afetando o desenvolvimento de outras flores. A família passou a cultivar folhagens, posicionando-se como grande produtor/distribuidor.

Atualmente só o pai — Peter e o filho mais velho — Antonius —, atuam na Floricultura Floranda, em Tijuquinha.

Dos outros filhos, Josef dedica-se ao cultivo e venda de plantas ornamentais e Pedro dedica-se à produção de palmas.

**Peter e Josephina** festejarão Bodas de Ouro em julho de 1987.

Vizinhos deles, há outras famílias holandesas — especialmente duas — que deram origem à **Colônia dos Holandeses**, como ficou conhecida aquela região da BR 101, km 184: os **Papenburg** e os **Wolperei**s que ainda dedicam-se à criação de gado leiteiro e derivados.

Interessante que entre eles ocorra casamento, como o de Marian, filha de **Antonius** e Carmem Bovee, neta de Peter, com Ignácio, filho de Alphonsus e Berendina Hoenderboon Wopereis e cujos convidados à cerimônia foram recepcionados na Floranda Matriz — reduto de trabalho deste holandeses com 37 anos de Brasil.

---

## Os 75 anos da firma **Walter Schmidt Ltda.**

A Empresa Walter Schmidt Comércio e Indústria Eletromecânica Ltda. tradicional organização Blumenauense completou 75 anos de existência em 1985.

A empresa iniciou suas atividades em 1910 na pessoa do Sr. Walter Schmidt já falecido, que naquela época emigrou de Solingen sua cidade natal na Alemanha, para Blumenau.

Nos anos de 1910 a 1931 a empresa individual Walter Schmidt, estabelecida à rua Itajaí, operava uma torrefação de café que produzia e distribuía no Vale do Itajaí e outras regiões do Estado de Santa Catarina café de boa qualidade sob a marca COMETA, que se tornou um símbolo de bom café.

Em 1931 a empresa individual foi transformada numa sociedade anônima que além da torrefação do café iniciou a operação de uma loja comercial.

Estabeleceram-se então as bases estruturais que possibilitaram o crescimento da Empresa.

Ultrapassadas as dificuldades que resultaram do conflito mundial entre 1939 e 1945, a empresa seguiu o seu desenvolvimento dedicando-se cada vez mais ao comércio e depois à produção de equipamentos técnicos, abandonando sua atividade original.

Atualmente, sediada à rua 15 de Novembro, 1495, depois de 75 anos de bons serviços prestados à comunidade, a organização Walter Schmidt Ltda. se tornou conhecida muito além das fronteiras de Santa Catarina e se destaca no comércio e industrialização de equipamentos elétricos e eletrônicos e serviços de engenharia como uma organização confiável e idônea.

Continua dirigida por herdeiros do Sr. Walter Schmidt que, auxiliados por uma equipe de administradores profissionais e através de várias subsidiárias, estão criando as condições para a continuidade do desenvolvimento e a manutenção de seus tradicionais princípios de qualidade que já caracterizaram o café COMETA em 1910.

## AEMA RELATA SEU TRABALHO EM 1985

Blumenau — A Assessoria Especial do Meio Ambiente de Blumenau — um dos únicos municípios do Brasil que possui um órgão especial para a preservação da ecologia — enviou um extenso relatório ao prefeito Dalto dos Reis onde mostra, inclusive com ilustrações, o trabalho realizado durante todo o ano de 1985. Além da programação e metas específicas (como a Semana Nacional do Meio Ambiente e outras), diversas palestras foram efetuadas em escolas e instituições. A AEMA participou de eventos a nível estadual, realizou promoções de sucesso (entre elas a Jornada Ecológica) e colabora na implantação do projeto Verde, iniciativa do próprio prefeito e que é coordenado pela Secretaria de Agricultura da Prefeitura.

O relatório possui, no total, 68 páginas. E como se não bastasse a explanação de todos os serviços que efetuou, há também diversos recortes de jornal (muitos com fotografias) que demonstra o auxílio e colaboração da imprensa na tarefa de defender os recursos naturais da nossa terra. Para o titular da AEMA, ecólogo Lauro Bacca, “a participação da imprensa é extremamente importante no trabalho de conscientização da população para a preservação do Meio Ambiente.” Ele elogiou, também, a preocupação dos empresários cujas indústrias estão localizadas em Blumenau e que, a cada ano, aprimoram mais seus equipamentos antipoluentes.

O relatório mostra a realização de 255 palestras em 37 escolas e outros setores da comunidade. Estas palestras tiveram como tema o uso adequado do solo e a manutenção de reservas florestais. Promoções como a Jornada Ecológica, a inauguração de sistemas de tratamento anti-poluentes, o 1º Concurso de Teatro “Blumenau e o Meio Ambiente” entre outras, tiveram o objetivo maior de integrar a comunidade ao esforço da Prefeitura em preservar a ecologia. A participação de eventos como a Campanha dos 12 Sujos e o 1º Seminário Catarinense sobre Administração de Bacias Hidrográficas, também foram importantes acontecimentos para a AEMA no decorrer do ano. Segundo Lauro Bacca, “tivemos um ano de intensa atividade, mas os resultados de nosso trabalho aparecem cada vez mais”. Ele acredita que a comunidade blumenauense está, atualmente, bem mais interessada e preocupada com o meio em que vive. Referiu-se também à sua estada no Japão, onde, durante três meses, aprendeu como os nipônicos conciliam sua alta tecnologia com a preservação do Meio Ambiente: “No Japão, uma pequena estrada não é aberta sem que minucioso projeto tenha sido elaborado e estudado. Fica-se sabendo, antecipadamente, quantas árvores serão derrubadas, como será feita a proteção das encostas e outros pontos importantes. Caso a obra seja inviável ecologicamente, a estrada não é aberta”.

O Assessor Especial do Meio Ambiente finaliza afirmando que em 1986, a AEMA prosseguirá concentrando seus esforços na conscientização da comunidade para a importância do Meio Ambiente.

## DA HISTÓRIA DE SANTA CATARINA A MAIS ANTIGA COLONIZAÇÃO EVANGÉLICA ALEMÃ

Der Urwaldsbote — ano 46 n.º. 20 — terça-feira — 6/setembro/1938.

Publicação da coluna "Heimat und Welt" (Pátria e Mundo).

"Aus der Geschichte Santa Isabel's der ältesten deutsch evangelischen Siedlung in Santa Catarina".

Escrita por: Pastor Hermann Stör — Rio do Sul.

"Santa Isabel hoje uma pequena Freguesia de apenas poucas casas, foi antigamente o portal de entrada para a Colonização do interland do sudoeste do Estado de Santa Catarina. Por este motivo, Santa Isabel há 6 décadas passadas representava um marco vivo e importante e em especial porque estava localizada na Estrada entre o planalto e a costa. Quando nos anos noventa do século passado a nova estrada para Lages foi construída, mais ao sul foram retirados de Santa Isabel todas e quaisquer possibilidades de progresso. Desde então a Colônia Santa Isabel leva junto ao Rio dos Bugres uma tranqüila existência, afastada do mundo exterior. Na estreita estrada para o Vale localizaram-se, principalmente, as propriedades de colonos descendentes de alemães. Em pouca distância uma das outras aparecem os telhados por entre as laranjeiras. Hoje muito raramente alguém estranho se perde por aqui. Na estrada do Vale ficam as duas igrejas — Evangélica e Católica — em frente uma da outra e quando os sinos começam a tocar timidamente podemos ver gente se dirigindo para lá.

Como é que Santa Isabel foi colonizada?

No ano de 1845 foi, no lugar onde o Rio dos Bugres e o Cubatão se encontram, no quilômetro 43 da velha estrada de Lages, aberta esta Colônia. Os primeiros colonos vieram de São Pedro de Alcântara, a primeira colônia alemã e que estava sendo abandonada pelas péssimas condições econômicas. Em 1847 chegaram os primeiros 256 colonos do Hundsrück, em sua maior parte ferreiros e pertencentes à religião católica. Fixaram-se abaixo do Rio dos Bugres. Uma outra parte, ocupou o Morro Löffelscheid do lado direito do Bugarbach. No mesmo ano vieram também Pfäzer, Hessen e pessoas da região do Mosel, principalmente evangélicos que fixaram-se na parte superior do Rio dos Bugres e onde foi estabelecida a Freguesia. Os nomes dos principais e das primeiras famílias colonizadoras ainda hoje constam nos livros de registros da Igreja evangélica. Entre estes imigrantes evangélicos havia um homem de muita energia e que logo assumiu a liderança da nova colônia. Era o pedreiro Jahnn Philipp Scheidt

**SUL FABRIL** Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense

cujos esforços também se deve à construção da primeira capela evangélica em Santa Isabel. Sua filha, que em 1933 faleceu aos 89 anos de idade, contou ao cronista repetidas vezes sobre as dificuldades dos primeiros anos de colonização. Assim, por exemplo, contou que diversas vezes presenciou ataque dos selvagens à propriedade de seus pais. Como a colonização não encontrava-se em mãos particulares, nos primeiros dez anos somente pouco progrediu. Nos meses de verão a tranqüila picada movimentava-se com lageanos que levavam suas tropas de burros de carga para a costa e faziam os primeiros contatos comerciais com os moradores. Alguns colonos hábeis abandonaram suas plantações tentando a sorte com o comércio ou outra profissão. Muito difícil foi o começo. Uma melhora só trouxe a abertura do Hinterland. Dezessete anos tinham passado desde o primeiro estabelecimento dos colonos em Santa Isabel. O número de moradores aumentava pela metade. Ali começou a colonização do Hinterland. Em seis novas linhas colonizadoras: "Rancho Queimado", Ribeirão Scharfft, Rio Bonito, Serra Chato (hoje Morro Chato), Taquaras e Segunda Linha, receberam quase exclusivamente em 1862 e 1863 somente imigrantes evangélicos vindos de Bayern, Pommern e Holstein.

A família Scharf, emigrada em 1862 de Bayern, foi a primeira a estabelecer-se na "Segunda Linha". Um filho do velho imigrante Scharf, deixou uma breve biografia na qual conta o seguinte. "Eu nasci a 5 de janeiro de 1851 em Bayern no cantão de Kaiserlantern. Com 11 anos fui confirmado porque iríamos emigrar para o Brasil. No dia 9 de abril de 1862 partimos com um vapor renano de Bingen até Köln. De lá fomos de trem até Antuérpia de onde partimos com um veleiro. Durante 78 dias estivemos em alto mar sem fazer nenhuma parada. Em Desterro desembarcamos. De Palhoça, por estrietas picadas, fomos levados para as novas terras de Santa Isabel. Durante 6 meses fomos auxiliados pelo Governo com dinheiro e ferramentas. Meu pai e meu avô na Alemanha foram carpinteiros e viviam bem. Meu pai, certo dia, se perdeu na Floresta (na hoje Scharf Lima) e nunca mais voltou. Depois de 9 meses de constante procura encontramos seus restos mortais. Esta desgraça exigiu naquele tempo todo nosso dinheiro e empobrecemos. Uma parte dos novos colonos da "Segunda Linha" esteve trabalhando em cafezais no Rio de Janeiro e Minas Gerais e devido este trabalho eram chamados em Santa Isabel de "Kaffeepflücker".

Pela abertura das seis linhas de colonização, Santa Isabel tornou-se o apoio econômico e trouxe novas possibilidades ao comércio e aos artífices ali residentes. Para o novo Distrito também contava a "Linha Velha", cerca de uma hora e meia afastada de Santa Isabel. Este lugar foi colonizado em 1848 quando 5 famílias evangélicas da região do Reno de Enkirch foram ali fixados. Um velho e amarelo diário do imigrante Georg Philipp Bauer, que trazia parte destas cinco famílias, conta a sua travessia no Veleiro "Georg" sob o comando do comandante Pleiken. Levou 102 dias e também da difícil viagem em carroça dos irmãos Bauer (a Tiefen de lá recebeu o nome desta família "Bauerslinie") do Reno através a Westfália, e Minden até Hamburgo.



Como seu veleiro sofreu avarias na costa de Santa Catarina e os irmãos Bauer experimentados marceneiros consertaram os estragos; as cinco famílias desistiram de ir ao Rio Grande do Sul e ficaram em Santa Catarina.

Os primeiros 13 anos foram para a Colônia Santa Isabel no que se refere à religião, anos de necessidades para os moradores. A pátria esquecera seus filhos além-mar. Este período era de fato uma dura prova para seu reconhecimento religioso. Seus filhos recém-nascidos eram batizados no longínquo São José por um padre católico, assim como também os casamentos recebiam as bênçãos do ritual católico. Porém, mesmo assim, conservaram-se fiéis à sua opinião evangélica (de acordo com as leis em vigor naquele tempo no Brasil, casamentos evangélicos não tinham validade).

No ano de 1860 os moradores evangélicos de Santa Isabel construíram, sob a supervisão de Johann Philipp Scheidt, sua primeira capela de madeira. Os moradores que participaram desta construção eram 23, dos quais a maioria ainda era pobre. Como é que se deu esta construção?

O Embaixador suíço von Tschudy visitou a Colônia e tomou conhecimento do fato. Com sua reclamação junto ao governo, o presidente da Província ordenou que o Pastor da Colônia Blumenau, Pastor Oswaldo Hesse deveria visitar esta Colônia para rezar o culto e efetuar as formas legais necessárias. A visita do primeiro pastor evangélico fortificou o desejo de ter uma capela. Aos esforços dos mesmos e do embaixador von Tschudy se deve também que o comitê missionário da Basiléia enviasse em 1861 o missionário Carl Wagner como pastor permanente para Santa Isabel. O Pastor Wagner encontrou uma comunidade reconhecida mas um campo religioso totalmente abandonado. Era preciso começar do início. Em 1863 foi construída uma igreja maciça para a qual a comunidade angariou 400 mil-réis. O campo de ação do pastor abrangia primeiro só Santa Isabel. Um ano mais tarde o pastor Wagner foi incumbido de cuidar também da comunidade da Colônia Theresópolis que foi colonizada a 3 de julho de 1860 por 40 famílias de imigrantes alemães.

A zona Colonial ampliava-se rapidamente pois logo depois em Theresópolis foram estabelecidos imigrantes vindos da Wesfália e do Reno; os vales do Rio dos Cedros, Rio Miguel, Rio Cubatão, Rio Salto e Rio Capivary. A maior dificuldade consistia no ensino religioso das crianças pois não havia escola. Para acabar com esta dificuldade e deficiência o Pastor Wagner, com o auxílio do Instituto Gustav Adolf de Stuttgart, construiu, em 1863, anexo à Casa Pastoral, uma dependência para este fim. A construção ficou pronta em 1864 e antes de ser inaugurada o Pastor Wagner foi chamado até o Rio de Janeiro. Seu sucessor foi o Pastor Christian Tischäuser que chegou no natal de 1864 em companhia de sua esposa. Depois de adquirir um terreno de 24 morgen para o uso escolar, a mesma escola foi inaugurada a 1.º de fevereiro de 1865 com 20 crianças. Em 1867 — 1868 a escola foi ampliada com uma "Casa Administrativa" mais um dormitório para meninas. Uma parte desta construção ainda existe hoje no pátio da

Igreja em Santa Isabel. Pastor Tischäuser, considerando as dificuldades daquela época, fez relativo a isto um trabalho valoroso. Além disto ele era um grande orador. Suas prédicas impressas e que ele dava eram de profunda sensibilidade e simplicidade. No ano de 1868 pôde contar com um grande número de confirmandos. Em "Michelsbach" fundou uma escola onde colocou como professor o senhor Wilhelm Hausmann. Com um auxiliar para as aulas de doutrina chamou para Santa Isabel o diácono Christian Zluhan de Cöppingen em Württemberg em 1870.

Em 12 de março de 1873, por motivos de saúde, o Pastor Tischäuser regressou à Basiléia. Seu sucessor foi o Pastor Distegen Fleury que trabalhou por 5 anos na comunidade de Santa Isabel. Continuou o mesmo trabalho do pastor anterior e em "Michelsbach" fundou uma escola para confirmandos. Mas foi então que aconteceu uma divisão na comunidade que teve graves conseqüências. Algumas famílias de "Michelsbach" isolaram-se e elegeram o Prof. Hausmann como clérigo e conseguiram o que era necessário para a comunhão. Seguiu um verdadeiro fanatismo de convenção. Muitas mentiras foram ditas sobre os fanáticos. Jornais alemães e brasileiros traziam artigos deturpadores sobre este assunto. Os piores manifestadores dirigiram um pedido ao governo, por outro religioso. Ao contrário, 130 amigos do Pastor Fleury enviaram um abaixo-assinado esclarecendo o caso. Mas como o caso dos "Muckers" tinha chegado recentemente ao fim no Rio Grande do Sul, o governo enviou um emissário de Desterro para estudar o caso. Um destacamento policial foi enviado de Desterro e o Pastor Fleury foi declarado Presidente. Mas mesmo convicto de sua inocência, pastor Fleury foi desligado do cargo. Ele abandonou a comunidade não antes porém de ordenar o professor Hausmann por ordem da Comissão de Basiléia. De acordo com um relatório do Pastor Zluhan do ano de 1887, nesta separação o prof. Hausmann não teve uma ação muito digna. Mais tarde, numa ocasião em que o Pastor Zluhan ia rezar o culto em Thererópolis-Michelsbach, encontrou a igreja fechada que foi aberta pelo Prof. que deu culto pessoalmente. No domingo seguinte o partido dele tomou novamente a igreja de assalto e Hausmann novamente fez a prédica. A maior parte dos moradores aderiram a este e somente muitos poucos foram com a verdadeira igreja evangélica, na comunidade Santa Isabel. (Veja artigo do Dr. Schröder no livro Brasilien und Wittenberg, pág. 256).

Os verdadeiros motivos desta separação são hoje difíceis de esclarecer. Mas o mais certo é a ambição do Prof. Hausmann que uma vez estudado na Escola Missionária de Basiléia achou que tinha direito ao cargo de Pastor. Como está registrado num livro da igreja na comunidade de Santa Isabel o Pastor Fleury, devido a um mal que lhe atacou a vista, retirou-se para tratamento no Rio de Janeiro, onde

## **MAJU**

Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz, tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro, e orgulho da indústria têxtil blumenauense.

atloeceu com febre amarela e faleceu a 13 de março de 1879. A crônica da Comunidade conta: Ele deixou renovar a Capela em Santa Isabel e para a qual durante dois anos fez coleta de donativos na comunidade. Em 1875 a Capela ficou pronta como está até hoje sem torre isto é em 1913. Durante o seu tempo de pastor em 1878 foi adquirido um harmônio.

Em maio de 1879, Christian Zluhan foi designado pastor da comunidade. Logo depois de ter assumido o cargo o "Appenzeller Sonntagsblatt" (O Jornal Dominical) de Appenzell escreve: "Da instituição de ensino em Santa Isabel, o atual Pastor relata as enormes dificuldades com que lá enfrenta. A disenteria atacou a tão sadia comunidade e fez vítimas (Zweit Linie — Segunda Linha) foi severamente castigada. Muitas viagens para o interior foram necessárias, nas quais uma demorava 8 dias, caso tudo corresse bem. Pastor Zluhan teve uma vida toda de Pastor e conselheiro de sua comunidade. Aos poucos já tinha sido colonizada toda a região até para lá de Criciúma por colonos alemães. Por semanas viajava pela região de Capivary e Santa Theresa. Hoje esta enorme zona está dividida em 5 distritos eclesiásticos. Por esta razão o Pastor Zluhan recebe menção honrosa levando em conta as enormes distâncias e sacrifícios feitos por ele. Durante 40 anos serviu fielmente aos imigrantes alemães de confissão evangélica luterana. Em novembro de 1918, Pastor Zluhan faleceu com 78 anos de idade. Foi enterrado em Florianópolis no cemitério da Comunidade e mais tarde trasladado para Santa Isabel onde foi enterrado ao lado de sua esposa.

Que esta crônica seja uma contribuição para a História da Colônia Santa Isabel e ao mesmo tempo uma coroa de flores para todos aqueles que para ela contribuíram e um lembrete à juventude do que seus antepassados realizaram."

---

## A EDUCAÇÃO NO MUNICÍPIO VAI BEM, OBRIGADO!

A educação no município vai bem. Esta é a constatação do prefeito Dalto dos Reis ao declarar que na sua gestão, 2 novas escolas foram construídas, 6 foram reformadas, 8 ampliadas, todas as 10 escolas atingidas pelas últimas cheias foram recuperadas; 65 novas dependências (destas, 34 são salas de aulas) foram acrescidas à rede municipal de ensino que conta, hoje, com 37 escolas; também, 2.700 unidades-equipamentos (carteiras, cadeiras, armários e mesas) foram adquiridas, além do que, 2 quadras esportivas polivalentes foram construídas e 3 ginásios estão em construção; há um atendimento odontológico em 14 escolas e um atendimento ambulatorial em 4; todos os 13.500 alunos da rede escolar recebem cadernos, lápis, régua, borra-

### **LOJAS HERING S.A.**

Representa não só o espírito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.

chas, canetas, etc., mas acrescenta o prefeito Dalto dos Reis: "foram introduzidas algumas reformas que revolucionarão o ensino em Blumenau, entre estas, o Projeto do Livro Didático, a introdução do idioma alemão, o canto nas escolas, as hortas escolares que vem complementar a merenda escolar".

### UM DESAFIO NACIONAL

O maior desafio enfrentado pelo atual governo no que diz respeito à educação, é resolver o problema de 8 milhões de crianças em idade escolar (1º. e 2º. graus) e que, estão fora das escolas.

Simultaneamente em que se desenvolve uma mobilização nacional neste sentido, envolvendo o Estado e os municípios, objetivando aumentar as possibilidades de ensino a esta verdadeira multidão de crianças, o Ministério da Educação se empenha para melhorar a qualidade do aprendizado, valorizando o magistério e prestando assistência aos alunos carentes, porque está comprovado que uma das grandes causas da desistência e da repetência dos alunos decorre, exatamente, das carências sociais.

Existe, igualmente, uma preocupação em se disseminar os programas de merenda escolar. Diante destes fatos, é alvissareiro pensar que o município de Blumenau vem atuando com pleno êxito justamente na questão da merenda escolar e de programas paralelos visando o ingresso e a motivação para a permanência destas crianças nas escolas. O resultado disso, é a prática de métodos simples, a partir da alimentação, recreação e um ensino voltado para as questões da terra, vinculando o elemento com a região que ele mora.

Esta constatação de que o município está no caminho certo é confirmada pelo relatório da Secretaria de Educação do Município, entregue ao prefeito Dalto dos Reis relativo ao ano de 1985.

## AUTORES CATARINENSES

*ENÉAS ATHANÁZIO*

Pela Global Editora (São Paulo), em esmerada apresentação, aparece a quarta edição de "Os milagres do Cão Jerônimo", de Péricles Prade, livro de contos surrealistas dos mais conhecidos da literatura catarinense e que teve grande repercussão, tanto no Estado como fora dele. "O escritor Péricles Prade, — diz a Editora, — apesar de considerado pela crítica como um dos mais importantes contistas brasileiros, há tempo se mantém em silêncio. A Global Editora resgata-o para o grande público, trazendo uma das obras mais significativas da literatura fantástica."

Com "O Rei da Estrada", romance de David Gonçalves, publicado por Livros H D V (Curitiba), o conhecido regionalista de "Terra

Braba", "Lição de Amor" e "Geração Viva" inicia uma incursão em outros caminhos. Para escrever este livro David estudou durante quatro anos a vida do camioneiro, suas angústias, seus amores e a grande luta para resistir à selvageria capitalista. Com esse romance o autor vai embaralhar os críticos, pois estava rotulado como regionalista e qualquer incursão em outro gênero parece desagradar a alguns analistas que não admitem a versatilidade. Mas tenho certeza de que o livro fará sucesso.

"Verso Vício" é uma coletânea de poesias publicada no Rio de Janeiro e da qual participa, entre outros, o poeta Luis Antonio Martins Mendes com um conjunto de poemas denominado "Gozo". Os participantes do volume coletivo compõem um grupo do mesmo nome e de que fazem parte Paulo Fatal, Luiz Carlos Fadel, Carlos Silveira Santos e Jairo da Costa Filho.

A blumenauense Edith Kormann está participando da coletânea "A nova poesia brasileira", organizada e publicada por Shogun Editora e Arte, do Rio de Janeiro (1985), com um poema denominado "Os fantoches do tempo". Com dois livros publicados e tendo participado de diversas coletâneas, a autora é também colaboradora de "Blumenau em Cadernos".

Está circulando o "Calendário Cultural 86", organizado pelo Conselho Estadual de Cultura do Estado e registrando todos os eventos previstos para o corrente ano. É um trabalho informativo de grande interesse e que a cada ano fica mais completo. A apresentação é excelente, bem ilustrada e com ótima impressão.

A Fundação Catarinense de Cultura e a Editora Taurus promoveram o lançamento do livro "Busco a palavra", de Maura de Senna Pereira. O evento aconteceu no Rio de Janeiro e tivemos notícia de que foi bem sucedido.

Visitei a FECART, no pavilhão da Citur, em Balneário Camboriú, no mês de janeiro, evento que venho acompanhando desde o início. Esta, infelizmente, foi decepcionante. Houve uma invasão de produtos industrializados, produzidos em série, objetos realizados mecanicamente. A Feira perdeu seu ar festivo e alegre, transformando-se em pura aglomeração de vitrinas e, o que é pior, em detrimento do artesanato, que perdeu grande parte de seu espaço e acabará sendo excluído. Continuando com tal "filosofia", vão conseguir o milagre de uma feira de artesanato sem o artesão. É mais uma investida engendrada pela cabeça de algum tecnocrata contra uma promoção que estava dando certo e que só vinha merecendo aplausos. Os artesãos que abram o olho e ponham a boca no trombone enquanto é tempo. É desalojar os mentores dessa lamentável "filosofia" ou serem desalojados por eles.

# Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), editado em Joinville a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia do dia 22 de agosto de 1863:

A 12 de junho partiu de Hamburgo o navio "Hamburg-Packet", comandante Jacobsen, com 71 colonos para Dona Francisca, e a 13 de junho o "Urania", comandante Kroger, com 84 colonos para Blumenau.

Notícia publicada a 5 de setembro do mesmo ano:

A 29 de agosto entrou no porto de São Francisco o navio Hamburguês "Hamburg-Packet, comandante A. H. Jacobsen, que nos trouxe sãos e salvos 72 passageiros, sendo alemães: 25 da Prússia, 18 de Holstein, 1 da Saxônia, 1 de Hamburgo, 1 de Hanover, 1 de Brunsvique. Além destes, 8 da Áustria, 1 da Dinamarca e 1 de Nova Iorque. Uma criança nasceu durante a viagem.

O último dia da viagem foi trágico para o barco e seus passageiros: na tarde de 27 de agosto o navio chegou à altura do porto de São Francisco e, à vista da terra içou a bandeira e sinalizou, com alguns tiros de canhão, para chamar o práctico do porto. Mas este não apareceu. O forte vento nordeste não permitia nem a parada do navio e nem o seu retrocesso e assim foi entrando pela barra, já que o comandante conhecia a entrada de sua viagem anterior, em outubro de 62. O navio havia ultrapassado a barra, quando, às cinco horas da tarde mais ou menos, encalhou, quase no mesmo local em que naufragou o "Francisca", em setembro de 1958. A estibordo a água ainda media quatro braças, mas a bombordo somente duas braças de profundidade. Em vista da impossibilidade de fazer o navio flutuar, as velas foram arriadas e lançada a âncora na direção de onde o navio tinha vindo, na tentativa de fazê-lo retroceder. Mas, apesar dos esforços de 40 homens, nada se conseguiu. Sucediã-se os embates da ressaca, golpe sobre golpe, com impetuosidade alternada. As oito horas da noite teve início o alívio do navio, esvaziando-se principalmente os barris de genebra, em seguida quebrando os depósitos de água, a fim de esvaziá-los, bombeando-se ininterruptamente durante uma hora. Com o início da vasante, a profundidade da água não se modificou quase, porém às 10 horas da noite os quebras da ressaca se sucediam com tamanha impetuosidade, que se temia, a cada instante, o rompimento dos mastros, causando uma catástrofe. Era preciso pensar no salvamento dos passageiros e por isso foi lançado ao mar o bote grande para levar um cabo à terra. No entanto, o bote foi simplesmente tragado pelo mar revolto, o cabo se perdeu e com o esforço sobre-humano os dois marujos conseguiram voltar ao navio. Desceram a chalupa e, a muito custo, rompendo as ondas em fúria, prenderam um cabo em terra. Ali mesmo encontraram o práctico do porto que assistia calmamente à trágica luta. Contra a sua vontade e apesar se sua resistên-

cia, levaram-no para bordo. Sob suas ordens recomeçaram os esforços para safar o navio mas, após várias horas de labuta e com sacrificio das âncoras e da corrente, nada foi conseguido até às duas horas da madrugada. A água começou a subir e os choques das ondas aumentavam de violência e a cada momento passageiros caíam a bordo. Felizmente era noite de lua cheia e, por verdadeiro milagre foi possível levar pela chalupa lançando-os simplesmente à terra, dois carregamentos de mulheres e crianças. Repentinamente, porém, ergueu-se uma rajada de vento sudeste, o navio afastou-se da costa, libertando-se inexplicavelmente. As mulheres e as crianças foram levadas para a cidade de São Francisco em diversos botes, que vieram em seu auxilio. Os passageiros, assim como a tripulação, mesmo nos momentos mais trágicos, se portaram com bravura.

No mesmo número do jornal há um agradecimento assinado por todos os passageiros ao comandante e à tripulação, pela sua atitude heróica e cautelosa durante as 12 horas de luta.

(Nota da Tradutora: O local do sinistro foi o banco de areia Sumidouro, onde a 19 de setembro de 1858 o barco "Francisca" soçobrou, levando para o fundo do mar todos os pertences dos imigrantes e o prelo que havia sido encomendado na Alemanha, para impressão do "Kolonie-Zeitung").

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico de Joinville.

---

## Fanáticos destroem Colônia no planalto

Der Urwaldsbote — ano 22 n.º. 48 — sexta-feira — 11/dezembro/1914.

No planalto serrano de nosso Estado às margens do Rio das Antas por onde passa a Ferrovia São Paulo-Rio Grande do Sul tinha se formado uma pequena Colônia Alemã que sempre recebia mais moradores principalmente colonos de Blumenau, Itoupava, Massaranduba. Haviam deixado aqui suas Colônias pensando encontrar naquela região um progresso mais rápido e produtivo.

Mas infelizmente esta esperança foi bruscamente interrompida pelos fanáticos que assaltaram este local, saqueando e matando, podendo os moradores salvar-se apenas com uma fuga precipitada. No entanto perderam a vida neste ataque dois cidadãos conhecidos nesta colônia.

São os irmãos Wilhelm e Albert Kupas. A nova Colônia, depois do ataque, foi abandonada por todos os seus moradores.

<p><b>OREMER</b> Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.</p>
---

## OS 75 ANOS DO JORNAL KOLONIE ZEITUNG

**DER URWALDSBOTE** — ano 45 n.º. 53 — sexta-feira, 31 de dezembro de 1937.

Estes dias completou 75 anos de fundação o segundo jornal mais antigo do Brasil o "Kolonie-Zeitung" em Joinville. Em 20 de dezembro de 1862 apareceu o primeiro número experimental uma pequena folha. Desde então já foram publicados 6.186 números em língua alemã e 166 em Português. O precursor do "Kolonie-Zeitung" foi certamente "Der Beobachter", um jornal manuscrito e distribuído naquele tempo pelo escrivão senhor Karl Konstantin Knüppel, mas do qual só existem bem poucos exemplares.

O desejo de possuir um verdadeiro jornal que levasse para a floresta as notícias e novidades aos colonos fez com que o senhor Otakar Dörffel conseguisse concretizar esta ambicionada idéia. Conseguiu na Alemanha uma impressora e foi também contratado para de imediato usá-la o senhor Karl Wilhelm Böhm, avô do atual proprietário do jornal. Infelizmente o navio "Dona Francisca" que transportava a preciosa carga afundou perto da costa de São Francisco. O desespero foi grande, mas o senhor Dörffel não desanimou, conseguiu persuadir o Governo Brasileiro para um subsídio e assim em Leipzig foi adquirida uma nova impressora que chegou em 9 de novembro de 1862 a Joinville e já em 20 de dezembro saiu o primeiro exemplar experimental. Já a partir de 3 de janeiro de 1863 saía o primeiro número do "Kolonie-Zeitung und Anzeiger für Dona Francisca und Blumenau". (Jornal da Colônia e Anúncios de Dona Francisca e Blumenau). Semanalmente uma vez. Como editor assinava o senhor O. Dörffel e a expedição era feita por J. H. Auler.

O senhor Carl Wilhelm Böhm que foi o primeiro impressor e já trabalhava na Editora Westermann de Braunschweig veio à Joinville em 1858 e trabalhava dia e noite ganhando 25 mil réis mensais. Mas o senhor Böhm considerou o trabalho como de honra e prosseguiu auxiliado por sua jovem esposa senhora Alvina Böhm nata Obst. Depois de 10 anos passados da fundação o senhor Dörffel deixou o trabalho. Em 1.º de Janeiro de 1873 passou a direção do estabelecimento ao senhor Böhm e a redação igualmente que estivera nos últimos dois anos a cargo do Senhor Carl Julius Parucker.

Através três gerações o "Kolonie-Zeitung" está nas mãos da família Böhm. Avô, pai e filhos colocaram-se a serviço da empresa. Em 1866, ocorreu a primeira ampliação e em 1868 a segunda. Desde 1913 aparece no mesmo formato de hoje. Como concorrente surgiu o "Reform" que porém teve pouco tempo de vida e todas as suas instalações foram adquiridas pelo "Kolonie-Zeitung". Um outro jornal também surgiu o "Volksstaat" mas também durou pouco e suas máquinas foram compradas pelo Senhor Eduard Schwartz que fundou o "Joinviller-Zeitung". Incansável foi o senhor Carl Wilhelm Böhm no engrandecimento do "Kolonie-Zeitung" até sua morte que ocorreu em 15 de setembro de 1889. Filho e neto continuaram a obra e já antes da Guerra, do "Kolonie-Zeitung".



## *Historiador catarinense é destaque na imprensa especializada nacional*

Indiscutivelmente é o historiador e escritor José E. Finardi um dos catarinenses que mais tem se destacado, nas últimas décadas, na imprensa especializada brasileira, pela seriedade, disposição e grande capacidade de pesquisador que o caracteriza, qualidades que o tem elevado sobremaneira no conceito dos estudiosos da nossa história e genealogia em todo o país. É possuidor de um respeitável acervo de importantes obras literárias, no campo da história, da genealogia e também da poesia. Por isso mesmo, não nos surpreende quando encontramos, recentemente, mais um destaque que lhe é dado num dos mais importantes órgãos de divulgação cultural do país. Trata-se do Serviço Nacional de Divulgação Cultural Brasileiro, importante órgão cultural da capital de São Paulo, o qual, na secção "A História da Imigração no Brasil — As Famílias", em luxuoso e alentado volume, in-faixa dados genealógicos e pessoais sobre Famílias que contribuíram de forma destacada para a formação da nacionalidade brasileira, dando especial ênfase ao Prof. e historiador José E. Finardi, colaborador assíduo deste mensário, motivo porque estamos fazendo com satisfação este registro.

Inicialmente ressalta o articulista:

"Ao tentarmos retratar as nuances e matizes que ornamentam e emolduram o perfil do professor José E. Finardi, sentimo-nos orgulhosos e envaidecidos, não só pelo exemplo edificante, soberbo e magnífico que nos ensina este homem ao longo de sua agitada vida profissional, pontilhada de realizações extraordinárias, mas também, pela grandiosidade de seu espírito na busca incessante para colimar um objetivo superior.

Homens desse quilate, se eternizam como os diamantes, escrevem as páginas da história, transformam-se em mitos e se elevam à categoria dos deuses.

Portanto, "A HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO NO BRASIL" — "AS FAMÍLIAS", abre suas páginas para receber o homem que também ajudou a escrever essa história."

E depois de detalhar a vida do biografado, sua filiação, seus filhos, sua atividade literária, etc., a referida publicação faz referências a "Blumenau em Cadernos", terminando nestes termos:

"Como historiador, colabora em "Blumenau em Cadernos", onde tem inserido, de forma primorosa, inéditos episódios da História de Blumenau, notadamente sobre seus dois "numes tutelares", o fundador Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, e o 1.º vigário Padre José Maria Jacobs".

**MAFISA** Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante do que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.

## FALECIMENTOS NO COMEÇO DO SÉCULO

Comércio de Blumenau — ano 1 — n.º. 67 — terça-feira, 25 de junho de 1918

“Ontem de manhã faleceu inesperadamente vitimado por uma apoplexia o Sr. Bruno Hering um dos chefes da importante empresa de tecelagem que ele fundou há 38 anos junto com seu irmão, Hermann Hering que já há três anos faleceu. O extinto era um homem de exímios conhecimentos e virtudes sociais. Todos que o conheciam dedicavam-lhe profunda estima e consideração. Muito altruísta ele dedicou-se com zelo a assuntos de utilidade comum tendo sido o fundador da Associação Comercial desta cidade, bem como o Sindicato Agrícola Blumenauense a Caixa Econômica anexa a ele. A sua morte deixará sensível lacuna na nossa vida social.”

—————(((—)))—————

Der Urwaldsbote: ano 30 n.º. 11 — terça-feira, 15 de Março de 1923

“Faleceu no dia 9 do corrente o Senhor Paul Zimmermann que prestou relevantes serviços a municipalidade de Blumenau, dirigindo com dignidade e eficiência os destinos do município de Blumenau.”

—————(((—)))—————

Der Urwaldsbote: ano 29 n.º. 74 — terça-feira, 14 de março de 1922

“Novamente temos a lamentar o desaparecimento de um veterano blumenauense. No dia 11 de março faleceu o Senhor Karl Klein que imigrou em 1856, com a idade de oito anos, com seus pais em Blumenau. Como ninguém mais, ele tinha o dom de descrever e contar a vida e as atividades dos colonos e moradores dos primeiros tempos. Também o “Urwaldsbote” publicou por várias vezes contos e descrições do Sr. Klein. Por muitos anos tinha o Senhor Klein transportado o Correio por canoa até Itajaí, mais tarde esteve trabalhando na direção colonial. Dedicou-se então ao ensino. Seria interessante que alguém pesquisasse suas anotações e as publicasse numa forma de livro, porque são preciosas e valem o esforço.”

—————(((—)))—————

Der Urwaldsbote: ano 29 n.º. 37 — sexta-feira, 4 de novembro de 1921

Na quarta-feira dia 2 do corrente faleceu nesta cidade após curto espaço de doença o médico Dr. Hugo Gensch com a idade de 62 anos. Grande número de pessoas acompanhou o féretro à sua última morada onde falaram os senhores Pastor Neumann e Dr. Sapucaia.”

—————(((—)))—————

Der Urwaldsbote: ano 29 — n.º. 77 — sexta-feira, 24 de março de 1922.

No dia 15 do mês corrente faleceu em Joinville o Senador Dr. Abdon Batista. Homem que em nossa política do estado ocupou uma posição relevante. Nasceu na Bahia e dedicou-se à medicina. Como político fazia parte do partido liberal. Mais tarde transferiu-se para

Joinville onde com o Senador Oskar Schneider abriu uma casa comercial que com o tempo tornou-se uma casa de projeção. Mais tarde com a medicina e a Casa Comercial, fascinou-se pela política. Quase todos os cargos políticos desempenhou. Foi Juiz de Paz, vereador Superintendente, vice-governador na República. Quando em 1918 quis concorrer ao cargo de Governador teve que ceder lugar ao Dr. Hercílio Pedro da Luz. Este no entanto foi eleito apenas Vice-Governador mas, exigindo do Governador Lauro Müller que lhe desse o cargo por todo tempo de governo. Desde então, Dr. Abdon Batista mais e mais afastou-se da política, também motivado pela saúde.

Na queda do Império em 1889, Dr. Abdon também foi afastado do cargo que naquele tempo ocupava, o de Vice-Presidente; assim assumiu Guilherme Elyseu a direção do Partido Federalista, que fazia oposição aos novos mandatários. Veio a revolução de 1893 e quando esta foi dominada ele teve que refugiar-se em Buenos Aires, do contrário seria enviado ao forte de Santa Cruz e possivelmente fuzilado como tantos outros. Logo pôde regressar para Joinville afim de dedicar-se ao seu negócio. Somente em 1903 quando Lauro Müller assumiu o Governo e estabeleceu-se a paz entre os partidos através do chamado "Congraçamento". Dr. Abdon Batista voltou-se para a política novamente e conseguiu em Joinville alcançar outra vez posição de destaque no partido. Sua influência política fortificou a significação comercial da cidade de Joinville que perdurou até a sua morte."

————(((—))——

**Der Urwaldsbote — ano 32 — n.º. 47 — terça-feira, 9 de dezembro de 1924.**

No dia 6 de dezembro faleceu em Badenfurt o veterano da Guerra do Paraguai o senhor Ferdinand Schumacher com 88 anos de idade. C mesmo era natural de Kirlach em Baden, Alemanha e veio no princípios dos anos 60 para o Brasil."

————(((—))——

**Der Urwaldsbote: ano 31 n.º. 93 — terça-feira, 29 de maio de 1924.**

"Sábado, dia 17 do corrente, faleceu no Encano o Senhor Anton Schroeder, com a idade de 91 anos. O velho Schroeder, como era conhecido em Blumenau, era um homem de caráter firme e empreendedor. Nele representava-se o ideal do colono alemão, atividade, perseverança, honestidade e espírito de união. Foi por muitas vezes e anos inspetor de estrada e tomou parte ativa na vida pública. Foi um dos fundadores do "Volksverein" cuja a vitória em 1902 trouxe uma benéfica remodelação na administração municipal. Nasceu o Sr. Schroeder em 1832 no Império da Saxônia, assistiu a revolução de 1848, depois como escolhido serviu por 5 anos ao exército da Saxônia. Como empregado de fábrica precisou ganhar seu parco sustento. Como sua sa-

<b>KARSTEN</b> Mais de cem anos conceituando a indústria têxtil blumenauense e gerando divisas para o país pela volumosa exportação de produtos da mais alta qualidade.
---

úde havia sofrido, emigrou em 1867 para o Brasil e com assiduidade conseguiu uma vida relativamente boa. Mas a velha Pátria sempre levava no coração. Teve quatro filhas das quais 3 e mais a esposa já o antecederam na morte, e deixa 46 netos e 64 bisnetos."

—————(((—)))—————

**Blumenauer Zeitung:** ano 26 n.º 27 — sábado, 6 de julho de 1907.

Faleceu no dia 2 de julho de 1907, a senhora Augusta Schmidt, nata Michaelis, esposa do Senhor Henrique Frederico Schmidt, mãe de margarida da Cunha esposa do Senhor José Bonifácio da Cunha (Sogra).

—————(((—)))—————

Faleceu dia 6 de fevereiro de 1908, com 52 anos de idade o Senhor Hermann Baumgarten, fundador do Blumenauer Zeitung.

## O INCÊNDIO DE 1937 NO COLÉGIO SANTO ANTÔNIO

(Der Urwaldsbote: ano 45 n.º 43 sexta-feira, 26 de novembro 1937).

**Ein Brand, de auf seinen Herd herchränkt blieb**  
(Um incêndio que ficou restrito à sua causa)

"Na ala direita do grande edifício do Colégio Santo Antônio, bem no fim do corredor encontra-se a capela particular dos franciscanos; duas janelas com arco indicam seu caráter religioso. A capela em si é mais baixa do que o edifício do Colégio e o anexo que também possui uma pequena torre contém a sacristia, formam por assim dizer a ala direita da grande construção.

Na madrugada de quinta-feira para sexta às 11 1/2, mais uma vez entrou na capela um padre que sentiu um estranho cheiro de queimado, procurou em todo o local mas não encontrou nada. Três horas mais tarde, cerca de 2 horas da manhã, a sacristia já estava em chamas e todos os esforços de apagar o fogo foram concentrados no local da causa. Somente após muito sacrifício isto foi possível, pois existia o perigo das paredes ruírem. Felizmente o altar nada sofreu e a pintura no teto pôde ser restaurada pelo pintor. O acontecimento foi bastante lúgubre e desta vez os sinos da igreja católica dobraram com esforço redobrado, chamando a população para auxiliar a apagar as chamas. O "Vapor Blumenau" fez soar seu apito também e os sinos da igreja evangélica soaram chamando a comunidade para auxiliar. Uma corrente humana foi formada e os baldes cheios de água iam de mão em mão. Muitos aparelhos extintores de incêndio "Minimax" entraram em ação e que foram fornecidos pela firma Hoepke e Empresa Industrial Garcia. Somente um trabalho tão unido pôde evitar a tragédia e mesmo assim o dano material é de elevada monta."

**E. A. V. CATARINENSE** Acha-se integrada na história do pioneirismo dos transportes coletivos em SC

## *A história de um pioneirismo narrada pelo padre Stanislau Schaette*

“Para Blumenau, Joinville e São Bento não mais podemos somente mencionar nomes, porque o comércio e indústria se encontra exclusivamente em mãos de alemães. Portanto precisamos nos restringir a citar algumas grandes indústrias apenas, que já por sua história de fundação propriamente dita se torna importante.

A casa comercial mais antiga de Blumenau foi a firma Mayer e Spierling, que em 1884 — caso raro, pois foi construída sob alicerces fortes — declarou falência. Hoje a senhora Maria Cândida Hoeschl de Gaspar pode dizer que tem a casa comercial mais antiga do município.

Da cidade limítrofe Biala entre a Áustria e Salésia o senhor Carl Hoeschl emigrou para o Brasil em 1858. Fazendo um grande desvio pelo Rio Grande chegou a Blumenau, trabalhou primeiro como peão, em 1861 foi para S. Pedro de Alcântara e assumiu em casa de Bernhard Händchen um cargo duplo, o de peão e professor particular por 14\$500 mensais. Casou com Maria Zimmermann e mudou em 1864 com as famílias Schmitt, Spengler, Müller, Händchen, Werner e Zabel para Gaspar. Ali fundou no terreno onde hoje ainda se encontra a casa comercial muito próspera, uma modesta venda. As mercadorias eram as mais rudimentares e as mais necessárias.

O melhor meio de comunicação era o rio, que usava frequentemente tanto para a venda como para a compra de suas mercadorias. Quando era esperado de regresso de uma viagem a Itajai, então a senhora Hoeschl assumia posição na margem do Rio Itajai e toda a noite ardia uma fogueira para indicar o lugar certo para ancorar a canoa.

**Tirado do livro “comemorativo do centenário da imigração alemã em Sta. Catarina. — “Gedenkbuch zur Jahrhundert-Feier” deutscher Einwanderung in Santa Catarina.**

**Edit: por Livraria Central de Alberto Eutres e Irmão - Florianópolis.**

Do ano de 1866 a 1867 o sacristão do Padre Gattone, senhor Johann Kormann, que ainda vive e era ativo comerciante na Guabiruba perto de Brusque ajudou muito ao senhor Hoeschl.

Mais tarde de 1873 — 1876 o vapor “São Lourenço” deu vida nova. Seu terminal era Gaspar, ancorava em frente a casa Hoeschl, bem no meio do rio. Este vapor tanto transportava pessoas como levava mercadorias e muitos passageiros precisavam esperar alguns dias para seguir viagem ou esperar a chegada do vapor.

A casa comercial prosperava; o Conde d'Eu hospedou-se lá em 1884 assim, como também o presidente da província Visconde de Tau-nay este prolongando sua amizade por anos.

No ano de 1900 adoeceu o senhor Hoeschl que foi para Indaial para tratar-se com Dr. Johann Topp, mas infelizmente nenhum médico mais o poderia salvar. Faleceu em 28 de junho de 1900.

Antes de viajar, o senhor Carl Hoeschl pediu ao comerciante Joseph Spengler cuidar de seu negócio. Este então deixou seu emprego junto a Franz Haenschke em Florianópolis e ainda hoje é o dirigente da conceituada firma: Casa Carlos Procópio Hoeschl, Importação, Exportação.

A proprietária é a única filha do fundador, senhorita Maria Cândida Hoeschl, por todos que desfrutaram de sua hospitalidade conhecida simplesmente como Da. Mimi.

Escrito pelo Padre Stanislaw Schätte O.F.M. de Blumenau.

(Tradução: Edith Sophia Eimer — 1985.)

---

## O COMETA HALLEY EM 1910

O assunto no momento é a passagem do cometa Halley previsto passar em nosso hemisfério na sua total visualização em abril de 1986. O jornal Der Urwaldsbote de 21 de maio de 1910, nº. 93 do ano 17 trazia a seguinte nota registrando a passagem do Cometa:

“Os dias críticos (18 e 19 de maio) nos quais a terra passaria à cauda do cometa, felizmente passaram sem que os gases provocassem algum dano. Há oito dias o Cometa não foi visível em nossa região devido o intenso nevoeiro que cobre toda a manhã de nossa cidade e arredores.

A partir do dia 21 do corrente mês o Cometa será visível todo dia após o por do sol no ocidente. Por intermédio do senhor Dr. Castilho recebemos os seguintes informes do observatório astronômico do Rio de Janeiro e divulgado para a imprensa.

17 de maio: O Cometa Halley atravessará no dia 18 às 12 horas, 36 minutos e 7 segundos o espaço entre o sol e a terra. A passagem terá a duração de uma hora.

19 de maio: de manhã cedo. O Cometa Halley passou ontem às 12 horas, 36 minutos e 7 segundos sem tocar a terra.

19 de maio: Madrugada. Aqui não foi observado nada de extraordinário. A noite enluarada, talvez com um pouco mais de intensidade não deixou perceber nenhuma modificação no céu, como talvez esperávamos.

A partir das 9 horas da noite do dia 18 até 4 1/2 do dia 19 foi observado uma grande queda de meteoritos, mas não foi verificada nenhuma anormalidade meteorológica.”

**CIA. HERING** O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

# O DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA NO BRASIL

Segundo o artigo assinado por Richard Hiusch,  
publicado no "Urwaldsbote Kalender", em 1939.

"Quando há cinquenta anos passados os primeiros colonos fizeram sua entrada silenciosa em Blumenau, não encontraram nada mais que uma incóspita e agressiva floresta virgem.

Foi preciso começar a derrubada, primeiro os galhos secos e pequenos arbustos já ressequidos pelo sol. As grandes árvores foram também derrubadas e mais tarde queimadas, os troncos que sobraram da queimada eram deixados; a sua presença também não perturba o colono em seu trabalho. Um terreno assim preparado em verdade não apresenta nenhuma visão idílica, é em verdade um retrato desolador estes troncos e arbustos semi-queimados jogados pelo terreno. Nas margens as árvores chamuscadas estendem tristemente seus galhos aos quatro ventos e as folhas como loucas ao vento abanam com saudade da vida que agora jaz no chão, morta e vencida.

Um pedaço de terra assim preparada o colono chama de roça, o nome é brasileiro. Depois da queimada da roça a terra é limpa e então pode ser iniciado o plantio. Um preparo da terra antes do plantio, não é preciso, porque o chão da floresta se apresenta sempre fofo e poroso e é adubado pelo apodrecimento lento das raízes que sobraram. O plantio acontece com o uso da enxada, que é em verdade o único instrumento para o preparo da terra, que o imigrante possui. Com este instrumento universal cavam buracos na terra, colocam os grãos, fecham o mesmo com os pés e abrem outro; assim aos poucos o terreno todo está preparado. A recém-semeada área é uma a duas vezes limpa de ervas daninhas, a terra afogada em volta da planta e está pronto. Depois da colheita a terra é novamente limpa e preparada para outro plantio. Neste sistema se prossegue enquanto a terra rende uma colheita, então é abandonada e começa com uma nova queimada o preparo de outra roça. A primeira assim abandonada é invadida por um mato rasteiro, porque o empobrecimento da terra não permite mais o crescimento de grandes árvores. Uma assim chamada "capoeira-roça", nunca é muito fértil depois de três ou quatro plantios, não produz mais nada.

Esta acima descrita maneira de preparo de uma roça é o sistema mais primitivo e rudimentar que o colono conhece e representa o maior e condenável desmatamento conhecido.

O leitor europeu que lê esse artigo onde se fala em desmatamento, fertilidade e fácil aquisição de terra logo pensa que estes colonos vivem ricos e na opulência. Mas isto não é assim, em verdade estes colonos têm mais ou menos o mesmo que um "colono alemão", apesar deste não praticar o desmatamento, porque esta prática lhe sairia muito caro.

Aqui atualmente se conhece somente a forma mais primitiva

do preparo da terra. Também o emprego de máquinas para remoção dos troncos depois da queimada não existem e a mão-de-obra é muito cara, razão porque todo preparo, semente e colheita é feita pela própria família.

A cultura da roça como foi descrito acima foi praticamente feita por quase todos os imigrantes vindos a Blumenau. Somente os últimos decênios trouxeram uma pequena modificação. Em maior escala os nossos produtos agrícolas estão sendo exportados atualmente para São Paulo e Rio de Janeiro, tais como manteiga e banha. O feijão e o milho no entanto continuam na terra, porque as altas tarifas de transporte não compensariam a exportação. Em consequência o agricultor mais e mais se empenha na ampliação de seu rebanho de vacas leiteiras, procurando melhorar a sua qualidade sempre mais, assim como na criação de suínos. Nas áreas agora abandonadas por não se prestarem mais ao plantio são preparadas para pastos, gramas de diversas qualidades são plantadas e servem de pastagem ao gado. O colono com pouco trabalho tem um abrigo rudimentar para o abrigo do gado em dias de chuva ou sol forte e que também serve para recolher as vacas na hora da tiragem do leite. Nos meses de inverno a alimentação é reforçada, porque as pastagens sofreram com as geadas.

Em Blumenau a opção do colono pela criação de gado e ao preparo de produtos provenientes do leite é a primeira etapa para acabar com o desmatamento inescrupuloso.

Muito também influi a localização das colônias, as que são encontradas junto às margens dos rios e são as mais férteis, porque as inúmeras enchentes grandes e pequenas trazem sempre novo adubo. Ao contrário, as colônias situadas nas encostas dos morros são as mais pobres, primeiro devido ao difícil acesso e segundo, uma vez desmatado, sofrem com as fortes chuvas que leva a camada fértil da terra, tornando-a estéril com o passar do tempo.

Mas com a progressiva intensificação da agricultura certamente este problema também será resolvido e também será provavelmente em benefício dos recantos mais afastados de Blumenau."

(Tradução: Edith S. Eimer — 1985.)

**BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.**

**banespa**

Um dos colaboradores nas edições desta revista



## *Engenheiro blumenauense é destaque no Paraná*

Uma revista especializada em transportes, editada em Curitiba — RPM — acaba de divulgar, com destaque, a posse do jovem engenheiro Heinz Georg Herwig, no cargo de Secretário de Transportes do Governo do Paraná.

Trata-se de mais um blumenauense, a exemplo de tantos outros, que consegue tão importante destaque profissional em outras regiões do país.

Heinz Georg Herwig é filho do sr. Henrique Herwig, projetista de renome na região do Vale do Itajaí e uma das figuras que mais tem colaborado com o poder público blumenauense na preservação de tudo o que é tradicional em nossa cidade. Henrique Herwig foi o projetista do atual novo prédio destinado à nossa Biblioteca e Arquivo Histórico, tendo desde 19 de março do ano passado, atuado como orientador na construção do mesmo, sem exigir qualquer retribuição financeira. Seu filho Georg Herwig, formado pela Universidade Federal do Paraná, em 1965, considera-se radicado naquele Estado desde 1960, quando iniciou lá seus estudos.

Formado engenheiro em 1965, Heinz Georg Herwig foi admitido no DER paranaense, desempenhando as funções de Fiscal de Pavimentação, onde se saiu sempre bem, graças ao seu alto sentido de observação e integridade profissional. Mais tarde Heinz foi contratado por uma empresa particular que o levou para Mato Grosso, onde permaneceu durante cinco anos. Em 1982, ao assumir o Governo do Paraná, José Richa o convidou para retornar ao Estado das araucárias, tendo Heinz assumido a Diretoria de Obras do DER. Mais tarde foi elevado ao cargo de Diretor Geral, que desempenhou sempre com a mesma admirável capacidade profissional e dedicação, fator que o credenciou a ser, agora, escolhido para ocupar o alto cargo de Secretário dos Transportes do Paraná, recebendo o cargo das mãos do até então titular Deputado Deni Lineu Schwartz, que se desincompatibilizou para tentar nova eleição para a Câmara Federal.

A ascensão de Heinz Georg Herwig ao alto cargo de Secretário de Transportes do Governo do Paraná teve ampla e a mais simpática repercussão em todo o Estado, já que o jovem engenheiro blumenauense é, naquele Estado, vastamente conhecido pelo incansável trabalho profissional que desde 1965 tem desenvolvido. Elevado número de figuras das mais proeminentes do Paraná, tanto do setor de engenharia como políticos, prestigiou o ato de posse do nosso conterrâneo, ao qual enviamos, por este meio, nossos cumprimentos, extensivos aos seus familiares que residem aqui em Blumenau, inclusive seu irmão também engenheiro arquiteto Rolf Herwig, que é um dos titulares da empresa Lindner Herwig Shimizu — Arquitetos.

— DIA 1º. — Violento temporal com forte queda de granizo, desabou nesta tarde na cidade de Blumenau, tendo a maior concentração de precipitação acontecido nos bairros de Água Verde, Velha Central e Ponte do Salto. Como resultado, verificaram-se enormes destruições em residências, assim como a queda de árvores e outros estragos, sem, felizmente, ter acontecido vítimas fatais. O temporal causou até o interrompimento temporário do fornecimento de água e luz à população.

\* \*

— DIA 2 — Com a presença de Secretários, políticos e outras pessoas ligadas às administrações indiretas do município, assumiu o cargo de prefeito o engenheiro Paulo Oscar Baier, tendo o mesmo recebido o cargo das mãos do prefeito Dalto dos Reis, que passou a gozar de merecidas férias de trinta dias. O ato foi simples, mas os presentes tiveram a oportunidade de ouvir uma bem concatenada explanação do vice-prefeito que assumiu, ao fazer um relato das atividades do DNCS relativamente a medidas e serviços em andamento na região do Vale do Itajaí, visando conter as enchentes do Itajaí-açu.

\* \*

— DIA 16 — Relatório apresentado pela Secretaria de Agricultura da Prefeitura de Blumenau ao prefeito Paulo O. Baier, informa que nas oito feiras-livres do município, até dezembro do ano passado foram comercializados 147.830 quilos de frutas e verduras e 124.660 quilos de produtos coloniais. No Posto de Suinocultura, localizado em Itoupava Rega, a Secretaria produziu e vendeu 74 leitões com 1.497 quilos no total, um suíno com 196 quilos e 79 metros de lenha. No setor de Clínica e Defesa Sanitária Animal, atendeu 786 propriedades rurais e aplicou vacinas contra diversas doenças a 1.062 animais.

\* \*

— DIA 23 — Com a presença do presidente do Tribunal de Justiça do Estado, Eduardo Luz, foi instalado, em Blumenau, o Juizado de Pequenas Causas, que passou a contar com a coordenação do Juiz da Primeira Vara, Antonio do Amaral e Silva.

## A idade não importa para quem vê a vida com alegria

Existem muitas teorias e muita filosofia explicando o significado de envelhecer. Está claro que muitas pessoas que não se apegam à vida como um dom único e de valor inestimável dado por Deus, acabam envelhecendo e perdendo o interesse pelas evoluções técnicas, pelas novidades, pelas novas gerações, novos impulsos naturais das mesmas renovações e, assim, sentem-se velhos antes de o serem pela idade.

Há também os que não aceitam as inovações de espécie alguma e lutam para preservar tudo o que o cercava quando jovem. Com isso, tornam-se irreverentes, revoltados, radicais e são marginalizados da sociedade.

Por outro lado, existem as pessoas que, mesmo com idade avançada, continuam jovens e entusiastas, contaminando aos de sua idade e também os jovens. São os que, sem desprezar os bons costumes, as modas, a fase romântica do "seu tempo", não deixam de aceitar as inovações, introduzem-se nos seus meios, modernizam-se e, de vez em quando, trazem à baila os costumes antigos que então são aceitos pelas gerações jovens e então fundem-se num mosaico de beleza, alegria e encantamento, tanto na música como nas danças, etc. . .

Estas considerações vêm a propósito de uma noitada acontecida há semanas, num dos restaurantes locais. Estavam reunidos muitos turistas vindos do nordeste. Divertiam-se a seu modo, acompanhando o ritmo contagiante das músicas típicas executadas pela orquestra. Um casal de blumenauenses, de avançada idade, dançava e se divertia junto com os turistas, num encontro alegre, em que participavam também pessoas bem mais jovens e todos adoraram aqueles momentos agradáveis.

E o casal de blumenauenses, apesar de idoso, alegrou o ambiente de tal forma que, entre os nordestinos estavam os inspirados poetas repentistas. Um deles, intitulado-se "Carnaúba" de Maceió, Alagoas, escreveu num guardanapo, os seguintes versos, em homenagem ao casal e a todos os casais blumenauenses que sejam tão alegres como aquele: "Acho graça a juventude — Não querer envelhecer! — Velho ninguém quer ficar — Moço ninguém quer morrer — Sendo velho é que se vive — Bom é ser velho e viver!". A outra trova: "Não sou poeta, mas faço — Um verso improvisado — Ao povo de Blumenau — Cidade linda, obrigado!".

---

## B L U M E N A U

Texto extraído do livro "Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana" de PAUL SINGER

(Continuação do número anterior).

É preciso considerar, por outro lado, que o crescimento da colônia vai-lhe permitir participar deste crescente mercado interno com mais destaque. O estabelecimento de linhas comerciais só é economi-

camente justificável a partir de certo volume mínimo de produtos a serem transacionados. É uma consequência da economia de escala. Estabelecer uma intensa navegação entre o Rio e Itajai, quando o hinterland deste porto é constituído quase que só por uma pequena colônia de menos de 1.000 habitantes, como era o caso na década de 50, não deveria prometer mais que prejuízos. Fazê-lo, porém, na década dos 60, quando a mencionada colônia já tem mais de 5.000 habitantes e ao seu lado surgem outras (Erusque, por exemplo, fundada em 1860) abre perspectivas bem mais remuneradoras. Embora não tenhamos encontrado elementos que comprovem este ponto de vista, tudo nos leva a crer que a ligação da economia blumenauense com o mercado nacional se tenha fortalecido em grande medida, na segunda década de sua existência, principalmente através da criação de liames comerciais sistemáticos com o Rio, então o principal centro do mercado nacional.

Na década seguinte o movimento imigratório alemão perdeu algo de sua intensidade, pelos fatores que indicamos acima.

A partir de 1875 surge, entre os imigrantes europeus, um número significativo de tirolezes (austriacos) e italianos. O balanço da imigração para 1870/79 é o seguinte:

Imigrantes	alemães	2.353
	outros	2.626
	TOTAL	4.979
Brasileiros		1.328
	TOTAL	6.307
Sairam		1.488
Ficaram		4.819

Fonte: C. WAHLE, "Povoamento da Colônia de Blumenau", in *Centenário de Blumenau*, pgs. 129/137.

Em comparação com a década anterior, a imigração manteve-se mais ou menos no mesmo nível, porém os alemães, que constituíam a quase totalidade dos colonos, representam agora menos da metade dos recém-vindos. A diversificação cultural assim provocada é ainda mais acentuada pelo influxo crescente de brasileiros, que constituíam apenas 5% do total de imigrantes europeus da década anterior, mas vão alcançar 27% nesta.

Também o número de saídas volta a crescer, passando a constituir 24% do total dos entrados. Este aumento no número dos que entram na colônia sem ser imigrantes e dos que saem, só pode ser explicado por uma mudança, que se verificou na 6<sup>a</sup>. e 7<sup>a</sup>. década do século XIX, em toda área da vertente do Atlântico de Santa Catarina. Na década dos 50, havia nesta área apenas duas colônias de certa envergadura: Blumenau e Joinville. No decênio seguinte outras foram fundadas: Teresópolis (1860), Brusque (1860), Príncipe D. Pedro

(1867), Azambuja, Grão Pará, Nova Veneza, Luís Alves (todas depois de 1860). Este movimento colonizador, vasto em comparação com as iniciativas dos anos anteriores, mudou a feição de toda esta zona do Estado. Blumenau não se encontrava mais isolada. Examinando-se o Gráfico nº. 1 sobre a imigração alemã, verifica-se que a partir de 1872 o total de alemães vindos ao Brasil nunca desce a menos de 1.000 por ano, atingindo 3.500 em 1876 e mais de 2.000 em 1877 e 1879. A média dos que se encaminharam a Blumenau, no entanto, não chega a 400 por ano, o que significa que a maioria foi para outras colônias, algumas em Santa Catarina, várias vizinhas de Blumenau. Tudo leva a crer que muitos "brasileiros" que vieram ter a Blumenau neste período eram imigrantes que se tinham destinado originalmente a outras colônias e que resolveram tentar a sorte em Blumenau. Da mesma maneira, muitos que saíram da colônia nesta época, ao contrário dos que o faziam nos primeiros anos, não eram mais obrigados a ir para Florianópolis, para o Rio ou voltar à Europa. Eles podiam tentar a sorte em colônias mais novas, particularmente em Brusque, onde por não haver uma via fluvial praticável, executava-se um plano muito mais intenso de construção de estradas, o que oferecia boas oportunidades de emprego.

O movimento migratório intercolônias é perfeitamente normal numa época de profundas modificações econômicas e sociais. Esta área de Santa Catarina constituía então uma zona de fronteira, em que grandes superfícies de terra virgem eram abertas à economia de mercado. Para dar uma idéia das proporções do movimento, basta assinalar que, de acordo com os Censos, a população de Santa Catarina cresceu, entre 1872 e 1890, de 159.802 para 283.769 habitantes, isto é, de 78%. Esta taxa de crescimento só foi superada, neste período, pelos Estados do Rio Grande do Sul e do Paraná, isto é, os outros dois Estados que possuíam colônias de europeus. É preciso considerar que até a abolição da escravatura (1888) a maioria dos imigrantes se dirigia não para São Paulo, apesar do surto cafeeiro, mas para os três Estados sulinos. Entre 1872 e 1890, a população de São Paulo cresceu de apenas 65%.

Deste período em diante encontrou-se Blumenau numa região cuja economia, pelo seu próprio crescimento e adensamento, adquiria cada vez mais características mercantis. O mercado "nacional" para Blumenau passou a ser cada vez menos o Rio ou São Paulo, mas as colônias vizinhas, isto é, passou a se distinguir cada vez menos do mercado "interno" da colônia.

A população da colônia continuou a crescer aos saltos: 7.621 habitantes em 1874, 10.426 em 1876. A economia se desenvolvia na mesma proporção. O Dr. Blumenau começou a sugerir às autoridades a emancipação da colônia, o que finalmente foi efetivado em fevereiro de 1880. Antes porém que a passagem da colônia para vila autônoma pudesse ser realizada, ocorreu uma nova enchente do Itajaí, que causou grandes prejuízos, o que levou o governo imperial a adiar a instalação do governo municipal de Blumenau até 1883. Entre 1880

e 1883 chegaram a Blumenau mais 907 imigrantes, dos quais 603 alemães e 227 brasileiros. Sairam somente 7, ficando 898. Em 1883 Blumenau contava com 18.756 habitantes.

O progresso econômico da colônia, nos últimos 14 anos de sua existência como tal, pode ser parcialmente avaliado pela tabela a seguir:

TABELA IV  
Economia de Blumenau — 1869-1879-1883

Estabelecimentos	1869	1879	1883
Cervejarias	1	4	8
Olarias	8	12	12
Engenhos de arroz	3	4	6
Engenhos de açúcar	76	88	150
Engenhos de mandioca	65	78	152
Serrarias	18	35	38

Fonte: Centenário de Blumenau, 1950.

Verifica-se o aumento dos engenhos de açúcar e de mandioca, cujos produtos constituem importantes artigos de exportação. Também os engenhos de arroz e as serrarias se multiplicavam. De uma forma geral estas cifras refletem uma forte expansão da economia de mercado. A exportação continua progredindo: 169 contos em 1873, 216,5 em 1874, 485 em 1879, 420 em 1883. Em 1874, a exportação *per capita* é de 28\$400; em 1883 ela não passa de 25\$600. Se considerarmos que em 1869 ela já era de 24\$000 *per capita*, podemos afirmar que a exportação aumentou apenas um pouco mais que a população da colônia. Os produtos exportados continuam basicamente os mesmos: tábuas, açúcar, cachaça, farinha de mandioca, feijão, fumo em folha, milho, manteiga, banha, conservas de carne, ovos e aves.

Zöller, em seu interessante depoimento datado de 1883, declara que Blumenau vende seus produtos principalmente aos novos imigrantes de Brusque e outras colônias, mas que, apesar disso “os camponeses sufocam no seu próprio excedente de alimentos, para o qual não encontram escoadouro”. Falta, evidentemente, um bom mercado. Mas por quê? Zöller intui a resposta ao declarar que os colonos não possuem “um bom produto de exportação”. Tentaram introduzir no Rio manteiga, banha, presunto, mas fracassaram.

A resposta básica é o que os blumenauenses — como os demais colonos da área — assentavam sua economia na pequena produção camponesa auto-suficiente, onde o que se transaciona é apenas o **excedente**. Ora, é óbvio que quase todos os colonos produziam o mesmo tipo de excedente, isto é, os mesmos valores de uso: açúcar, farinha de mandioca, arroz, laticínios, etc. Não é possível organizar trocas das mesmas utilidades. O novo imigrante tinha necessidade de alimentos, até obter sua primeira colheita. Depois disso ele passava a concorrer com seus antigos fornecedores. Enquanto o número de novos imigrantes era proporcionalmente elevado, em relação aos colonos já estabe-

icidos, os primeiros constituíam, talvez, um mercado suficiente, para os segundos. Mas fatalmente a proporção tinha que se alterar e quando Zöller redigiu o seu depoimento, o mercado constituído pelos novos imigrantes já parece ter-se tornado insuficiente para absorver o excedente de produção comerciável. No fundo, o que faltava era uma genuína divisão do trabalho. A que se estabelecera não ultrapassava o nível artesanal. Blumenau não possuía um bom produto de exportação para além-mar, porque suas condições ecológicas não lhe permitiam cultivar café ou outro gênero tropical de boa aceitação. Tampouco poderia possuir um bom produto de exportação para o mercado interno de outras regiões do país (Rio, São Paulo), porque sua localização a colocava em posição desvantajosa para concorrer com economias de subsistência melhor situadas.

Só haveria uma solução autêntica (embora as duas anteriores tivessem sido tentadas, com pequeno êxito): estabelecer dentro da área colonial uma divisão de trabalho não mais baseada na equação: economia de subsistência-artesanato, mas na equação: economia de mercado-indústria. Tão logo as condições o permitiram, isto é, de 1880 em diante, esta solução foi aplicada, como veremos a seguir.

#### V — Início da industrialização (1883-1914)

De 1883 em diante o crescimento da população do município de Blumenau se deve, sobretudo, ao excesso de nascimentos sobre óbitos. A imigração prossegue, porém reduzida. De 1884 a 1912 vieram a Blumenau 6.694 imigrantes, dos quais 2.221 deixaram o município depois, o que dá um saldo de 4.473 que ficaram. Neste mesmo período o aumento vegetativo da população foi de 27.193. Podemos pois, a partir dos dados de 1883 calcular a população de Blumenau, em 1912, como sendo de cerca de 54.000 habitantes. Este cálculo é confirmado pelo censo realizado em 1907, que dá para Blumenau uma população de 45.089 pessoas. O crescimento demográfico entre 1883 e 1907, foi de 141%, o que dá uma taxa anual cumulativa de 3,8%, a qual, aplicada ao resultado do Censo de 1907, dá um total de cerca de 54.000 habitantes para 1912. Do aumento populacional de 1883 a 1912, apenas 13% podem ser atribuídos à imigração.

A perda de importância da imigração no crescimento de Blumenau ainda pode ser verificada pelos resultados do Censo de 1907: 80% dos habitantes eram naturais do Brasil; os nascidos na Alemanha representavam apenas 12% e os dos demais países 8%. Podemos, portanto, considerar Blumenau uma comunidade formada, cuja evolução passa a ser condicionada, de 1880 em diante, sobretudo, por fatores de ordem interna.

Como vimos nas páginas precedentes, Blumenau não se tinha inserido numa divisão de trabalho internacional nem nacional. Em 1873 realizou-se a primeira exportação para o estrangeiro: uma partida de madeira para Hamburgo. Nada indica, no entanto, que se tenha constituído uma corrente sistemática de exportações para a Europa, a partir deste embarque. Quanto às exportações em geral temos os seguintes dados:

**TABELA V**  
**Comércio de Blumenau com o exterior — exportação**

Anos	Exportação	Exportação		Deflator
		Exportação per capita	per capita deflac.	
1883	420:000\$000	25\$600	25\$600	100
1899/902	1.195:988\$000	33\$600	13\$800	243
1903/906	1.698:373\$000	41\$600	17\$100	243
1907/910	2.396:209\$000	51\$150	21\$350	240
1911/914	2.782:915\$000	53\$110	22\$150	240

Fontes: JENSEN, G., EMMENDOEREFER, Fr. E., ZIMMERMANN, P. J., "Exportação e Importação", in Centenário de Blumenau; ÓNODY, O., A Inflação Brasileira, Rio, 1960.

Verifica-se pela Tabela supra que o valor global das exportações de Blumenau aumenta de ano para ano, o mesmo acontecendo ao valor *per capita*. Acontece, porém, que nossa moeda sofreu severa desvalorização durante o "encilhamento" (1889/1900). Utilizamos-nos, para deflacionar o valor das exportações *per capita*, do índice de custo de vida construído por Oliver Ónody para o século passado e início do presente. Deveríamos ter usado um índice geral de preços; na falta de um, no entanto, tivemos que nos contentar com o índice de custo de vida. Mesmo se considerarmos o deflator algo superestimado, uma conclusão é inegável: as exportações de Blumenau mal acompanharam seu crescimento demográfico, em valor real.

Se compararmos dois levantamentos, certamente incompletos, a respeito das exportações de Blumenau, veremos que, em linhas gerais, não houve maior integração de sua economia numa divisão de trabalho nacional ou internacional (exceto no referente a produtos industriais, de cuja exportação trataremos em seguida):

**TABELA VI**  
**Exportações de Blumenau**

Artigo	1897	1916
Manteiga	400.000kg	505.000kg
Banha	270.000kg	698.428kg
Carne	72.000kg	77.941kg
Tabaco	50.000kg	598.764kg
Charutos	8.000.000 unidades	267.530 pacotes
Tábuas	15.000 dúzias	2.300 dúzias
Ovos	30.000 dúzias	47.317 dúzias
Pinga	200.000 litros	90.240 litros
Farinha de mandioca	90.000 litros	28.535kg
Galinhas vivas	13.000 unidades	—
Couros e peles	2.700 unidades	—
Feijão-preto	90.000 litros	—



Açúcar	1.000 toneladas	1.182 toneladas
Queijo	—	25.000kg
Arroz	—	4.385 sacas
		(descascado)
		8.490 sacas
		(em casca)
Tecidos	—	183.915kg
Mate	—	309.995àg

Fontes: GERNHARD, Robert, Da. Francisca, Hansa und Blumenau, Breslau, 1901. DEEKE, José, Das Munizip Blumenau und seine Entwicklungsgeschichte, 1917.

Os itens que cumpriam a pauta de exportação de Blumenau não mudaram significativamente entre 1897 e 1916. Neste período de quase 20 anos, predominam ainda os mesmos artigos agropecuários, com certo declínio das tábuas, da pinga e da farinha de mandioca, havendo, em compensação, aumento dos produtos de origem animal: banha, manteiga, queijo e ovos. Aparecem na lista de 1916 alguns artigos que não constam na de 1897, merecendo destaque o arroz e os tecidos, estes últimos frutos da indústria, cujas condições de aparecimento estamos analisando. Apesar da relativa importância dos produtos de origem animal, é fácil reconhecer que em 1916, Blumenau não possuía ainda “um bom produto de exportação”...

O processo de industrialização de Blumenau se explica por dois processos inter-relacionados, porém distintos para efeito de análise: a) a isenção crescente da economia blumenauense no mercado nacional, isto é, numa divisão de trabalhos inter-regional, que tem todo território do país por palco e cujo centro dinâmico se encontra no eixo Rio — São Paulo; b) a divisão de trabalho entre cidade e campo, que se dá em Blumenau, ensejando a formação de um mercado local para sua indústria.

O primeiro processo depende do fluxo de exportações de Blumenau para o Rio e São Paulo, isto é, para o grande mercado urbano do país. A receita destas exportações e mais as “entradas invisíveis” — recursos trazidos por imigrantes, subsídios e auxílios do governo federal, investimentos de capital de origem externa a Blumenau, etc. — vai determinar o volume de importações de que Blumenau poderá dispor e que servirá para expandir seu próprio mercado interno. No período em questão (1883-1914), Blumenau exporta predominantemente produtos de subsistência e importa artigos manufaturados, a maioria proveniente do estrangeiro. A indústria de Blumenau se aproveitou deste processo, seja substituindo parte das importações, seja penetrando no mercado nacional com seus próprios produtos. Em 1916, os tecidos já aparecem em posição de destaque na pauta de exportações de Blumenau (ver Tabela VI).

O segundo processo depende, como já vimos, do número de pescas integradas na economia de Blumenau, que vai determinar a extensão do mercado, que constitui o limite da divisão de trabalho no âmbito local. Na fase inicial da industrialização de Blumenau, este processo apresentou importância maior que o primeiro. Na medida

em que novas áreas iam sendo povoadas e a população das áreas já ocupadas se ia adensando, aumentavam as possibilidades de uma maior diversificação do trabalho artesanal, ao mesmo tempo em que se aprofundava a especialização em cada ramo. A partir de um certo momento, a expansão do mercado possibilitava a utilização de técnicas fabris, desencadeando a industrialização da economia urbana.

Na realidade, os dois processos se inter-relacionam estreitamente, pois a indústria aproveita tanto o mercado das pequenas unidades camponesas do Setor de Subsistência, como o mercado gerado pelo poder de compra da receita das exportações e das "entradas invisíveis" e, na primeira oportunidade, procura participar do mercado nacional, exportando para o Rio, São Paulo ou Porto Alegre. O crescimento da indústria, or sua vez, vai proporcionar um mercado melhor para os produtos de subsistência do campo.

Para se avaliar o crescimento do mercado proporcionado pelo primeiro processo (inserção no mercado nacional) examinemos a evolução das importações de Blumenau:

TABELA VII  
Comércio de Blumenau com o exterior — importações  
Importações per capita

Ano	Valor nominal	Valor deflacionado (mil-réis de 1883)
1899/1902	53\$000	21\$800
1903/1906	61\$600	25\$400
1907/1910	79\$000	33\$000

Fontes: JENSEN, G., EMMENDOERFER, Fr. E., ZIMMERMANN, P. J., "Exportação e Importação", in *Cenário de Blumenau*.

Verifica-se pela Tabela VII, que o valor *per capita* das importações tendeu a crescer neste período, o que significa que o seu valor global aumentou mais depressa que a população. É esta a diferença de ritmo que marca a mudança qualitativa que significa a integração da economia de Blumenau numa divisão de trabalho mais ampla. É importante notar, porém, que este crescimento do mercado de Blumenau para produtos importados não deriva de um aumento correspondente das exportações. Basta comparar as Tabelas V e VII para se verificar que a balança comercial de Blumenau era altamente deficitária neste período, já que as importações, em geral, superam as exportações em cerca de 50%. A cobertura do *déficit* deve ser atribuída a recursos trazidos pelos imigrantes e aos capitais vindos de fora de Blumenau, para a construção da ferrovia e da central hidrelétrica. A partir de 1911 a balança comercial de Blumenau apresenta *superávit*, caindo verticalmente as importações.

(Continua)

# FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

## São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

## A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *Alonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Rolf Ehlke* — *Nestor Seára Heusi* — *Ingo Wolfgang Hering* — *Martinho Bruning* — *Urda Alice Klueger* — *Frederico Blaul* — *Frederico Kilian* — *Olivo Pedron*.

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM, ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



**Cia. Hering**  
BLUMENAU - SANTA CATARINA